

**A MATERNIDADE ENTRE SABERES E FAZERES:  
UMA LEITURA DA OBRA *QUARTO DE DESPEJO*:  
DIÁRIO DE UMA FAVELADA, DE CAROLINA MARIA DE JESUS<sup>1</sup>**

**Elaine Cristina Vaz de Oliveira Vieira<sup>2</sup>**

**RESUMO**

O presente trabalho objetiva compreender, através da leitura de *Quarto de despejo* – diário de uma favelada, como Carolina Maria de Jesus - mulher negra, mãe e escritora – exercita a maternidade ao tempo em que enfrenta os desafios de sua turbulenta vida de favelada e catadora de papel. Em seu relato íntimo, mais do que o cotidiano de pobreza, revelam-se a descrição literária de realidades comuns a muitas mulheres negras e os obstáculos enfrentados para que sua escrita fosse reconhecida como literatura. Para essas reflexões, serão usadas como referências as obras de COLLINS (2015), GUIMARÃES (2018), RONCADOR (2008) e VASCONCELOS (2014), entre outras.

**Palavras-chave:** Escritoras negras - Brasil. Mães negras - Brasil. Negras na literatura.

**ABSTRACT**

The present work aims to understand, through the reading of *Quarto de despejo* – diário de uma favelada, how Carolina Maria de Jesus - black woman, mother and writer - exercises motherhood while facing the challenges of her turbulent life as a slum dweller and waste picker of paper. In her intimate account, more than the daily life of poverty, the literary description of realities common to many black women and the obstacles faced for her writing to be recognized as literature are revealed. For these reflections, the works of COLLINS (2015), GUIMARÃES (2018), RONCADOR (2008) and VASCONCELOS (2014), among others, will be used as references.

**Keywords:** Black mothers - Brazil. Black women writers - Brazil. Black women in Literature.

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mírian Sumica Carneiro Reis.

<sup>2</sup> Licencianda em Letras - Língua Portuguesa pela UNILAB.

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento- MG, em 14 de março de 1914, filha de negros que migram para as cidades no início das atividades pecuárias na região. Oriunda de família muito humilde, a autora estudou pouco. No início de 1923, foi matriculada no colégio Allan Kardec - primeira escola espírita do Brasil -na qual crianças pobres eram mantidas por pessoas influentes da sociedade. Lá estudou por dois anos, sustentada pela senhora Maria Leite Monteiro de Barros, para quem a mãe de Carolina trabalhava como lavadeira.

Mudou-se para São Paulo em 1947, quando a cidade iniciava seu processo de modernização e assistia ao surgimento das primeiras favelas. Carolina e seus filhos João José de Jesus, José Carlos de Jesus e Vera Eunice de Jesus Lima residiram por um bom tempo na favela do Canindé. Mãe solo, vivia de catar papéis, ferros e outros materiais recicláveis nas ruas da cidade, tirando desse exercício a sua única fonte de renda. Leitora voraz de livros e outros textos que encontrava, logo adquiriu o hábito de escrever. Assim iniciou sua trajetória de escritora, passando a registrar o cotidiano do “quarto de despejo” da capital nos cadernos que recolhia do lixo e que se transformariam mais tarde nos “diários de uma favelada”.

Carolina Maria de Jesus escreveu um diário íntimo que expõe seu dia a dia na favela do Canindé, na cidade de São Paulo, entre os anos de 1950-1960. Ela descreve a vida difícil que teve desde a sua infância e denuncia a desigualdade social, o preconceito racial e o modo como a propaganda de progresso do slogan “50 anos em 5” que marcou o governo de Juscelino Kubitschek excluía os menos favorecidos socialmente.

Na condição de mãe solo, fica evidente, em seu relato, a luta para assegurar não apenas o sustento de seus três filhos, mas a transmissão de valores que garantiriam uma vida melhor para eles. Apesar das propostas que recebeu para entregar suas crianças para adoção, Carolina Maria de Jesus decide que será mãe, a despeito dos embates que teria com uma sociedade que retirou das mulheres negras o direito do exercício pleno da maternidade. A consciência dos abusos que as crianças sofriam em sua ausência aumenta o peso da sua responsabilidade:

Deixei as crianças brincando no quintal. Tinha muito papel. Trabalhei depressa pensando que aquelas bestas humanas são capás de invadir o meu barracão e maltratar meus filhos. Trabalhei apreensiva e agitada. A minha cabeça começou a doer. Elas costumam esperar eu sair para vir no meu barracão expandir os meus filhos. Justamente quando eu não estou

em casa. Quando as crianças estão sosinhas e não podem defender-se (JESUS, 2005, p.16).

Vivenciar a maternidade negra requer espírito de resiliência, buscas, questionamentos, ruptura com a condição de inferioridade imposta pela ordem patriarcal, racial e de classe. Ou seja, ser mãe negra é questão de resistência, especialmente em condições precárias, quando as políticas públicas eram (como ainda são) insuficientes para assistir às mulheres que se encontram em situação de vulnerabilidade.

Se, por um lado, a maternidade é socialmente referenciada como processo sublime da feminilidade (incluindo-se aí acepções religiosas), por outro, a maternidade de mulheres negras é uma construção de luta, já que às mulheres negras foi destinado o lugar de cuidadoras e amas dos filhos das brancas, enquanto seus próprios filhos estão destinados aos sub-cuidados de outras mulheres negras: mães, vizinhas, parentes que dão “uma olhada” na criança enquanto a mãe sai para trabalhar. Essas reflexões conduzem ao problema a ser investigado neste artigo: como as experiências de Carolina Maria de Jesus, narradas em *Quarto de Despejo* - Diário de uma favelada são representativas das vivências da maternidade para as mulheres negras?

### **Quarto de despejo – diário de uma favelada: a escrita precursora de Carolina Maria de Jesus**

O diário de Carolina Maria de Jesus, apesar de sua característica de relato íntimo, também é uma espécie de literatura realista, que relata com sensibilidade e propriedade únicas a vida na favela do Canindé, em São Paulo, e a luta constante pela sua sobrevivência e de seus filhos João José de Jesus, José Carlos de Jesus e Vera Eunice de Jesus Lima.

A narrativa da obra *Quarto de Despejo* - diário de uma favelada inicia-se no dia 15 de julho de 1955, data do aniversário da sua filha caçula, Vera Eunice (hoje depositária do espólio literário da mãe escritora) e finda-se em 1º de janeiro de 1960. Carolina Maria de Jesus foi “descoberta” pelo jornalista Audálio Dantas, que a conheceu em uma de suas idas à favela. Em 1960, o livro é lançado pela Livraria Alves e alcança grande repercussão de público e crítica, com matéria sobre a autora

publicada no mesmo ano pelo jornal paulista Folha da Noite e, posteriormente, em 1959, ocupou as páginas de destaque da revista *O Cruzeiro*.

A repercussão foi tão grande que foram vendidos 600 exemplares do livro na noite de autógrafos, 10 mil na primeira semana e 100 mil em um ano, o que proporcionou uma reviravolta na vida de Carolina Maria de Jesus e de seus filhos. Com isso também, houve a saída da favela para a cidade e a ascensão ao mundo das letras, porém, as polêmicas em torno da literariedade de suas outras obras e a tentativa de fixação de um estereótipo tornaram muito difícil sua permanência no grupo de literatos da época. Carolina é representatividade da literatura afro-brasileira, mas esse papel de destaque esteve marcado por uma luta por reconhecimento carregada de dificuldades.

A história da favela apresentada no diário de Carolina foi apreciada mundialmente e traduzida em vários idiomas, ganhando destaque de reportagens internacionais em periódicos como *Life*, *Paris MatMatch*, *Realité* e *Time*. Sobre o diário escreveram alguns dos renomados escritores brasileiros como Rachel de Queiroz, Sérgio Milliet, Helena Silveira e Manuel Bandeira, entre outros. Mesmo com toda essa repercussão, pairavam grandes polêmicas e questionamentos inclusive sobre a autoria da obra, lida sob o prisma de críticos racistas e classistas como um provável golpe publicitário.

Marisa Lajolo comenta como as dificuldades enfrentadas por Carolina Maria de Jesus se prologaram, mesmo após o sucesso de vendas de *Quarto de despejo*, o que inspira o enredo de *Casa de Alvenaria*, lançado em 1961:

Assim como sua obra de estreia documenta seu cotidiano de favelada, *Casa de alvenaria* documenta a experiência dolorosa de viver provocada e agredida num bairro de classe média (Santana, zona norte de São Paulo), para onde se mudou. O desconforto – e a conseqüente agressividade – da classe média paulistana dos anos de 1960 de ter por vizinha uma negra famosa, mãe solteira de três filhos, foi o mesmo desconforto das letras brasileiras em face do sucesso de Carolina. Em 1969, ela se muda para um sítio em Parelheiros (LAJOLO in DUARTE (Org.), 2014, p. 441).

Se, por um lado, houve uma aceitação massiva de *Quarto de despejo* no Brasil e no exterior, apesar das polêmicas com a crítica; por outro, o mesmo sucesso não alcançou suas obras posteriores. Esta situação denuncia, inclusive, o caráter segregacionista a que se relegam grupos minoritários dentro da realidade editorial brasileira. Carolina interessava como fetiche de um público que consumia na

vertente realista da miséria um objeto de interesse, mas, de algum modo, isso não suplantou o desejo de manter a autora naquele lugar. Só mais contemporaneamente a obra de Carolina vem ocupando o merecido espaço nas discussões acadêmicas e no meio crítico, muito por causa de forte mobilização de movimentos negros que reconhecem, na autora, o caráter precursor de uma literatura que toma a palavra, em que mulheres negras periféricas ousam falar por si mesmas.

### **No diário de uma favelada, a reivindicação de exercer a maternidade negra**

Carolina Maria de Jesus apresenta ao mundo uma representação das pessoas da favela a partir de suas experiências pessoais. Com isso, rompe com o essencialismo presente em algumas narrativas, que descrevem a realidade social desses espaços a partir de estereótipos. Essa mulher que coloca em cena sua subjetividade revela também o legado histórico da escravidão. Conforme Reis e Oliveira,

[...] a favela foi o destino de negros e negras no pós-abolição, é a memória física da herança do colonialismo escravagista brasileiro. Para as mulheres negras, essa realidade é ainda mais opressora, pois, conforme afirma Carneiro (2019), mulheres negras brasileiras tiveram sua experiência marcada pela exclusão, pela discriminação e pela rejeição social. [...]. No imaginário social, a mulher negra é quem serve, limpa e arruma a casa grande. É a mãe preta cuidadora dos filhos e das famílias dos brancos [...] (REIS e OLIVEIRA, 2021, p. 6).

No seu diário, Carolina promove a humanização de sujeitos reificados historicamente, inclusive quando se inscreve no lugar socialmente sonogado de mulher, mãe e escritora. O primeiro relato, de 15 de julho de 1955, aponta para este lugar:

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimenticios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapato no lixo, lavei e remendei para ela (JESUS, 2005, p.09).

O cuidado, físico e moral, com os filhos preenche boa parte do diário. Carolina tece sonhos para eles, em letras errantes bordadas em cadernos encontrados no lixo. Ela transforma o determinismo em determinação e os conselhos e orientações

de mãe se repetem ao longo da obra. Ela precisa sair para catar papel, pois disso depende o sustento da família e, não tendo com quem os deixar, recomenda que brinquem no quintal e não saiam para rua para evitar conflitos com seus vizinhos que, segundo ela, implicam com as crianças. Essa é a dupla jornada vivida por uma mãe solo, que nem sequer pode trabalhar com tranquilidade, pois sabe que seus filhos ficam vulneráveis à maldade alheia durante sua ausência.

Exercer a maternidade em condições tão precárias destoa do ideal de sublimidade e dos paradigmas de educação e disciplina que se atribuem à mãe branca como modelo. Essa situação é analisada por Freitas e Fonseca no artigo “As maternidades possíveis de Carolina Maria de Jesus na obra Quarto de despejo: diário de uma favelada”. As autoras destacam:

Este padrão [de maternidade branca] traz um discurso sobre educação e disciplina, onde os corpos são uniformizados dentro das expectativas dos brancos, mas que se restringe a ela. Esse grupo social privilegiado exige e espera das mulheres negras que enquadrem seus filhos nesses parâmetros educacionais. Todavia, a realidade de desigualdade social, restrição de acesso a espaços de lazer ou mesmo capital cultural, impõe outra realidade a essas mães e crianças. Um exemplo disso são os processos de violência aos quais as crianças são submetidas na favela do Canindé que influenciam na construção da subjetividade desses indivíduos, como na naturalização da violência, quando Carolina descreve brigas entre vizinhos ou violência doméstica, externando preocupação sobre essas situações e sua vontade de sair da favela para criar seus filhos longe de lá (FREITAS e FONSECA in GOMES, CARDOSO e RAMALHO (Orgs.), 2019, p. 89).

A educação dos filhos, tanto escolar quanto doméstica, é tema central dos relatos. Carolina oscila entre um ideal de instrução que inclui as lições que advindas de sua mãe, mas também um modelo burguês que ela vê nas revistas e jornais e que indicariam a conduta das pessoas de bem. O trânsito entre a tolerância e a violência caracteriza o mesmo desejo de tirar os filhos da favela e garantir as condições para que se enquadrem socialmente, como pode se perceber nos excertos a seguir:

Que suplício catar papel atualmente! Tenho que levar a minha filha Vera Eunice. Ela está com dois anos, e não gosta de ficar em casa. Eu ponho um saco na cabeça e levo-a nos braços. Suporto o peso do saco na cabeça e suporto o peso da Vera Eunice nos braços. Tem hora que revolto-me. Depois domino-me. Ela não tem culpa de estar no mundo. Refleti: preciso ser tolerante com meus filhos. Eles não tem ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem não lar (JESUS, 2005, p.19).

Eu nada tenho que dizer da minha saudosa mãe. Ela era muito boa. Queria que eu estudasse para professora. Foi as contingências da vida que impossibilitou concretizar o seu sonhos. Mas ela formou o meu caráter, ensinando-me a gostar dos humildes e dos fracos [...] (p.43-44).

Eu estou contente com meus filhos já alfabetizados. Compreendem tudo. O José Carlos disse-me que vai ser um homem distinto, e que eu vou trata-lo de Seu José.

Já tem pretensões: quer residir em alvenaria (p.123).

... Cheguei em casa cansada e com dor no corpo. Encontrei a Vera na rua. O bendito João, o meu filho manequim, não presta atenção em nada. O barraco estava aberto e os sapatos espalhados pelo assoalho. Ele não pois fogo no feijão. (...) Era 6 e meia quando o João apareceu. Mandeí ele acender o fogo. Depois dei-lhe uma surra. Com uma vara e uma correia. E rasguei-lhe os Gibis desgraçados. Tipo de leitura que eu detesto (p. 133).

Os registros do seu dia a dia descrevem minuciosamente a visão de mundo e as prioridades de uma mãe que, apesar das dificuldades, age com resiliência em função dos filhos. A partir da sua experiência, Carolina percebe e registra um feminismo intuitivo, ainda atado a um desejo de proteção masculina devido a sua imersão numa sociedade que só respeita uma mulher tutorada por um marido. Esse feminismo, ainda assim, aponta para a consciência da injustiça e da desigualdade de condições para homens e mulheres.

A trajetória de Carolina reflete a compreensão de que as mudanças precisam de impulso coletivo para acontecer, para além do empenho individual, pois, a luta das mulheres negras por igualdade é um processo de resgate da identidade da população marginalizada por um determinado grupo de brancos. A cultura feminista coloca em prática então auto-organização por compreender que na luta das mulheres por igualdade cabe a elas serem protagonistas, em forma e conteúdo (VITÓRIA e ZELIC, 2015, p.78-79).

A importância desse protagonismo, em forma e conteúdo, é o caminho para que especificidades de sujeitos atravessados por opressões interseccionais de gênero, raça e classe tenham suas condições problematizadas e seus direitos respeitados. A maternidade atinge de modo diferente mulheres brancas e negras, inclusive porque as imagens de controle construídas e difundidas sobre o segundo grupo impõem outros desafios. Segundo Patricia Hill Collins,

Mulheres negras se deparam com imagens controladoras, tais como a *mammy*, a matriarca, a mula e a prostituta; imagens que encorajam outros a nos rejeitar como pessoas completamente humanas. Ironicamente, a

natureza negativa dessas imagens simultaneamente nos encoraja a rejeitá-las. Em contraste, às mulheres brancas são oferecidas imagens sedutoras, aquelas que lhes prometem recompensas pela manutenção do *status quo*. Ainda assim, imagens sedutoras podem ser igualmente controladoras. (COLLINS in MORENO (Org.), 2015, p. 26-27).

A violência moral, física e psicológica é potencializada contra a mulher negra, pois o seu lugar de classe e de raça faz com que camadas de opressão se sobreponham. Carolina relata em seu diário como seu cotidiano é atravessado por essas imagens de controle, como quando descreve o assédio sexual que sofre:

Seu Gino veio dizer-me para eu ir no quarto dele. Que eu estou lhe despresando. Disse-lhe: Não! É que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela. Não tenho tempo para ir na casa de ninguém. Seu Gino insistia. Ele disse:  
- Bate que eu abro a porta.  
Mas meu coração não pede para eu ir no quarto dele (JESUS, 2005, p.25).

O trecho desvela o lugar ambíguo do desejo sobre o corpo da mulher negra. O vizinho afirma que Carolina o despreza, conferindo-lhe um lugar de poder sobre o desejo dele que é circunstancial e provisório. Ele quer apenas suas visitas, não pretende ocupar o lugar de marido, provedor, pai dos seus filhos. O empoderamento real dessa mulher se deixa ver nas suas motivações: seu coração não o deseja e se, por vezes, ela vai ao encontro do vizinho, é por escolha, por domínio do próprio corpo e desejo. Carolina acalanta sonhos para si e para os seus filhos:

Terminaram a refeição. Lavei os utensílios. Depois fui lavar roupas. Eu não tenho homem em casa. É só eu e meus filhos. Mas eu não pretendo relaxar. O meu sonho é andar bem limpinha usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir em favela (JESUS, 2005, p.18).

Carolina exercita a maternidade sem prescindir da sua condição de mulher, que tem desejo afetivo e sexual, ciúmes e tece planos:

... O senhor Manoel chegou. Agora eu estou lhe tratando bem, porque percebi que gosto dele. Passei vários dias sem vê-lo e senti saudades. A saudade é a amostra do afeto. A Dona Adelaide veio trazer a minha blusa de lã e ficou admirada vendo o senhor Manoel dentro de casa. Ele é quieto. Fala baixinho e anda muito bem vestido. Ela me olha e olhava ele [...]. Percebi que sua intenção era diminuir-me aos olhos dele. Mas ela chegou tarde demais, porque a nossa amizade é igual uma raiz que segura uma planta na terra. Já está firme.

Dormi com ele. E a noite foi deliciosa (JESUS, 2005, p. 148).



Embora analise outras narrativas representativas da literatura afro-brasileira, Vânia Vasconcelos (2014) analisa o modo como as mães negras são representadas em sua diversidade. Segundo a autora:

[...] mães desenhadas nas páginas das escritoras da literatura afro-brasileira não correspondem a um padrão único e estão, na sua diversidade, bem distantes das silenciosas ou idealizadas mães da nossa literatura tradicional. Apresentam, nas relações familiares que vivenciam, a complexidade e profundidade que as torna muito mais atraentes do ponto de vista da verossimilhança. Negam, sobretudo, o exotismo das “mulhas humanas” inventadas no sonho erótico machista, como também o enquadramento da cômoda fantasia sacrificial da “mãe preta” construída por Freyre. Lutam e trabalham por seus filhos, defendem suas ideias e suas famílias, sem passividade, nem renúncia. Entre a dor que representa essa visão realista da maternidade pobre em ambientes hostis a qualquer amor, percorrem as páginas das autoras, personagens que se irmanam numa compreensão profunda do que são, trocando experiência, afeto e proteção, como se fizessem parte de uma irmandade não declarada, talvez nem consciente, mas de efeitos reais e necessários. Essas personagens estão, quase sempre, envolvidas em muita luta, sangue e lágrimas, mas, talvez mesmo por isso, conseguem partilhar força, ternura e experiência, entre gerações, como diz Evaristo em seu poema(2008), num “rosário feito de contas negras e mágicas” (VASCONCELOS, 2014, p. 107-108).

Carolina é mãe, mulher, escritora, negra, que, na encruzilhada das dificuldades, escreve uma história precursora de determinação e afetos. Ela rompe com os estereótipos e vence a barreira da crítica literária racista, machista e classista que repudiou seus escritos. De modo metafórico, sua maternidade extrapola a circunscrição de seu núcleo familiar e abraça muitas outras adota muitas outras mulheres negras que, descendentes de sua escrita, podem exercer outras maternidades literárias e sociais, nos caminhos abertos para tantas outras carolinas.

### **Considerações finais**

A literatura é arte em que o prazer estético e as representações da diversidade e das inquietações humanas encontram expressão. Quarto de despejo: diário de uma favelada ocupa esse lugar, rompendo barreiras e abrindo caminhos para outras literaturas negras femininas no Brasil. O mosaico formado por relato biográfico e denúncia social questiona elitismos, repudia racismos e configura-se como movimento político de cura para tantas vozes historicamente silenciadas.

Carolina é a mãe de João, José e Vera. É a mulher que escolhe o companheiro a partir do exercício livre da sua feminilidade. É a escritora negra

brasileira precursora de tantos outros textos, que instaura uma poética até então inédita. Rompe com a gramática, quebra a invisibilidade, materna nova potência e saúda essa maternidade.

## REFERÊNCIAS

- COLLINS, Patricia Hill. Em direção a uma nova visão: raça, classe gênero como categorias de análise e conexão. In: MORENO, Renata (Org.). *Reflexões e práticas de transformação feminista*. São Paulo: SOF, 2015, p. 13 -42 (Coleção Cadernos Sempreviva).
- FREITAS, Bárbara Ferreira de; FONSECA, Evelyn Ralyne Freire. As maternidades possíveis de Carolina Maria de Jesus na obra *Quarto de despejo*: Diário de uma favelada. In: GOMES, Carlos Magno; RAMALHO, Christina Bielinsk, Cardoso; LEAL, Ana Maria. *Mulher e Literatura - XVIII Seminário Internacional*. Aracaju – SE: Criação Editora, 2019.
- GUIMARÃES, Jaciara Borges. Uma Literatura que Transforma: Quarto de Despejo: Diário de uma favelada de Carolina Maria de Jesus. *Revista Porto das Letras*, TO, v. 04, n.2, 2018, p.101-109.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2005.
- LAJOLO, Marisa. Carolina Maria de Jesus. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil*: antologia crítica – Volume I. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 439-458 (Coleção Humanitas).
- RONCADOR, Sônia. O mito da mãe preta no imaginário literário de raça e mestiçagem cultural. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 31, Brasília, 2008, p.129 -152.
- VITÓRIA, Carla; ZELIC, Helena. A cultura das mulheres muda o mundo. In: MORENO, Renata (Org.). *Reflexões e práticas de transformação feminista*. São Paulo: SOF, 2015, p. 75-96. (Coleção Cadernos Sempreviva).
- SANTOS, Elisângela da Silva. *Carolina Maria de Jesus*: artista, mulher e mãe no quarto de despejo. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/baleianarede/article/view/1362>. Vários acessos.
- VASCONCELOS, Vânia Maria Ferreira. *No colo das lábas*: raça e gênero em escritoras afro-brasileiras contemporâneas. Tese (Doutorado em Literatura e Práticas Sociais). Departamento de teoria literária - Programa de pós-graduação em Literatura da Universidade de Brasília, 2014.